

INTEGRANDO ARTE E SAÚDE: A PRÁTICA DA ARTETERAPIA

ANNA GIULIA M. ALVARENGA¹; TATIANA LUCKOW²; DANIEL MOMOLI³; TEILA CEOLIN⁴; DIANA CECAGNO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas — anna.gma.25@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas — tatianaluckow1@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas — daniel.momoli@ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas — teila.ceolin@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas — cecagnod@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A arteterapia é uma abordagem terapêutica que utiliza a criatividade e o fazer artístico para promover saúde mental. Ao estimular a introspecção e liberar o potencial criativo, ajuda no autoconhecimento e na transformação pessoal, promovendo a saúde integral do indivíduo (VALENÇA, 2017; COQUEIRO, VIEIRA e FREITAS, 2010).

No Brasil, seu surgimento ocorreu na década de 1940, impulsionada por Nise da Silveira, que se indignou com os tratamentos convencionais oferecidos as pessoas internadas nos hospitais psiquiátricos. Em 1941, Margareth Naumburg sistematizou o conceito de arte como recurso terapêutico, onde a produção artística espontânea era vista como uma forma de externalizar o inconsciente (VALENÇA, 2017). Em março de 2017, a Arteterapia foi oficialmente incluída na Política Nacional das Práticas Integrativas Complementares (PICs) do Sistema Único de Saúde (SUS), para reconhecer e incorporar as Medicinas Tradicionais e Complementares, reconhecendo-a como abordagem de cuidado (BRASIL, 2017).

Destaca-se que, a partir da sistematização por Margareth Naumburg e sua popularização no Brasil por Nise da Silveira, esta prática tem se consolidado como uma ferramenta potente de expressão e ressignificação, principalmente em contextos educacionais e de saúde.

Na Faculdade de Enfermagem (FE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) tem-se o Projeto de Extensão (PE) Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde (PIC-RAS), iniciado em 2017, cujo objetivo é disponibilizar as PICs na rede de saúde e contribuir para sua implementação, beneficiando tanto a população local, quanto o ambiente acadêmico e os profissionais da saúde. Entre as 16 ações oferecidas a comunidade, está o grupo de arteterapia.

Com base nesse contexto, este trabalho tem por objetivo refletir acerca da importância do planejamento para a implementação de atividades de arteterapia no contexto do ensino inclusivo fundamental e médio.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte do Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (PTCC) da primeira autora, graduanda em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas, com o título “Arteterapia: uma metodologia inclusiva”.

Apoiados em uma pesquisa bibliográfica utilizada no PTCC, buscou a compreensão sobre o tema a interconexão entre saúde, educação e arte. Foi realizado um levantamento teórico em artigos científicos disponíveis na plataforma *Pergamum* UFPEL, sistema de gerenciamento do acervo das bibliotecas da Universidade Federal de Pelotas (SISBI/UFPEL), no período de 2013 a 2023. Diante

da escassez de produção científica, ampliou-se a busca, tendo sido encontrado texto no Google acadêmico. As palavras-chave utilizadas foram “arteterapia”, “educação inclusiva” e “benefícios da arteterapia”. Os critérios para inclusão da bibliografia foram os que retratavam as três áreas de conhecimento: educação, saúde e arte.

Dos estudos incluídos, um é artigo publicado em revista (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010), um é resumo publicado em anais de congresso (DUMAS, 2013) e outro foi uma dissertação de mestrado (VALENÇA, 2017). Os trabalhos selecionados estavam relacionados a pesquisas e atividades cujo público-alvo foram estudantes e professores do ensino inclusivo, fundamental e médio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após leitura na íntegra dos materiais selecionados, constatou-se que um dos pontos fundamentais para a implementação de atividades de arteterapia no contexto do ensino inclusivo é a necessidade de considerar dois passos importantes.

O primeiro passo envolve a ambientação, que necessita promover a transformação do espaço/ambiente para gerar um senso de pertencimento. Esse ambiente precisa acolher as subjetividades diversas e complementares dos participantes, criando um espaço de segurança e acolhimento. O local deve ser percebido como um lugar de vivência e ritualização do conhecimento por meio dos sentidos, proporcionando experiências de aprendizagem significativas e sensoriais (VALENÇA, 2017).

O segundo passo consiste na proposição de um tema gerador da atividade, que facilita a exploração das dimensões do passado, presente e futuro, promovendo a integração da história de vida dos participantes e a construção de um significado para suas vivências de maneira fluida e dinâmica. No decorrer do processo artístico, é fundamental estimular os indivíduos com materiais variados, promovendo o diálogo individual e observando o fluxo criativo que se manifesta. Para concluir a dinâmica, é essencial um momento de fruição, onde os participantes possam compartilhar suas práticas e refletir sobre as questões abordadas e os sentimentos despertados ao longo do processo (VALENÇA, 2017).

Corroborando com a necessidade descrita no segundo passo, Sei (2010, *apud* VALENÇA, 2017) argumenta que o papel do arteterapeuta ou profissional que conduz a atividade não é controlar ou interpretar as produções artísticas dos participantes, mas criar condições que incentivem o descobrimento autônomo dos significados e sentidos inerentes às criações individuais.

Autores (DUMAS, 2013; VALENÇA, 2017; COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010) enfatizam ser um processo que valoriza a subjetividade e promove o autoconhecimento, a transformação pessoal e o bem-estar integral dos indivíduos. Benefícios da arteterapia, tais como o aprimoramento da atenção, concentração, memória, autoestima, motivação, funções sensoriais, organização e funcionamento vasomotor. Além de permitir uma conexão com as cores e formas, profundamente ligadas ao mundo emocional, as emoções reprimidas são convertidas em energia criativa, buscando harmonizar os desequilíbrios internos. Esta prática auxilia na externalização de sentimentos como angústia, raiva, frustração, depressão, culpa e estigmatização social, promovendo o desenvolvimento da autonomia e o empoderamento pessoal, bem como o equilíbrio emocional e o autoconhecimento do público-alvo.

Por fim, Valença (2017) destaca ser necessário também cuidados com os profissionais envolvidos, independente da formação de origem, assim a arteterapia pode revitalizar fluxos criativos, proporcionando uma experiência de resgate da autoestima e de orgulho pessoal. Ressalta que a troca entre as ações envolvidas entre os participantes converge para um cuidado capaz de melhorar a qualidade de vida dos mesmos.

Assim, a arteterapia se revela como uma abordagem terapêutica eficaz que pode integrar diferentes saberes profissionais, na qual destaca a área da saúde, educação e arte. Salieta-se a necessidade de criação de um ambiente acolhedor e seguro, associado ao estímulo do processo criativo dos participantes. Esse processo resulta na melhoria da autoestima, do equilíbrio emocional e na construção de um significado mais profundo sobre si sobre o mundo que os cerca.

Diante do exposto, pode-se dizer que os benefícios da arteterapia podem se estender aos profissionais envolvidos, uma vez que podem revitalizar seus próprios fluxos criativos e fortalecer sua identidade profissional.

4. CONCLUSÕES

Foi possível identificar a importância de um planejamento adequado para a implementação e efetivação de atividades de arteterapia, o qual pode fazer diferença na implementação de suas atividades, a fim de promover uma integração entre os participantes, suas vivências e suas produções artísticas, facilitando a externalização de emoções e o desenvolvimento pessoal.

Com este estudo tem-se a intenção de reforçar que a arteterapia pode transitar entre os campos da educação, arte e saúde, além de uma prática integrativa relevante para a promoção de bem-estar e desenvolvimento pessoal, tanto para os participantes quanto para os profissionais que a conduzem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 849, de 28 de março de 2017. Inclui Arteterapia no âmbito das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) no SUS.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 mar. 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html. Acesso em: 20 set. 2024.

COQUEIRO, NF; VIEIRA, FRR; FREITAS, MMC. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paul Enferm** 2010; 23(6):859-62. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9LVK4BKMMB5mrwXwjDbWgfh/>. Acesso em: 05 de set. 2024.

DUMAS, MMA. Beneficios del arteterapia sobre la salud mental. V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013. Disponível em: <https://www.academica.org/000-054/212.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2024.

VALENÇA, M.B. **Arteterapia-educação: tecendo sentidos entre vivência e reencantamento.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - curso de pós-

graduação em educação, Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/28381>. Acesso em: 05 de set. 2024.